
Sequência Didática: aulas para estudar o método “miltoniano” de análise geográfica

Didactic Sequence: lessons to study the “miltonian” method of geographic analysis

Secuencia Didáctica: clases para estudiar el método “miltoniano” de análisis geográfico

Leonardo Dirceu de Azambuja¹



<https://orcid.org/0000-0002-2198-4171>

RESUMO: Elaborar, explicitar e refletir uma proposição de percurso de estudo sobre os conceitos e método da análise geográfica fundamentada no pensamento do geógrafo brasileiro Milton Santos é o tema, a intenção e a motivação do presente artigo. A opção em sugerir aulas na forma de uma sequência didática, com o uso da técnica de mapas conceituais, seguidas de textos explicativos, bem como da respectiva indicação de fontes bibliográficas específicas do autor, objetiva promover uma apropriação integrada e não fragmentada desse conteúdo. O pressuposto é de que o entendimento do método pode estar nas conexões ou interações conceituais usadas para a produção da análise geográfica, com esses fundamentos teóricos e metodológicos.

PALAVRAS-CHAVES: método da Geografia; análise geográfica; sequência didática.

ABSTRACT: *This article presents, and discuss a study program proposal about concepts and methods of geographic analysis based on the thoughts of Brazilian geographer Milton Santos. The goal is to promote an integrated appropriation of the content instead of the usual fragmented approach. For that, lessons are suggested in the form of a didactic sequence using the technique of conceptual maps, followed by explicative texts combined with corresponding specific bibliography from the author. This way, understanding of the miltonian method may arise from the connections or conceptual interactions used for producing a Geographic analysis rooted on the theoretical and methodological foundations acquired through the proposed learning scheme.*

KEYWORDS: *geographic method; geographic analysis; didactic sequence.*

RESUMEN: *Elaborar, explicar y reflexionar acerca de una propuesta de plan de estudio acerca de los conceptos y método de análisis geográfico fundamentado en el pensamiento del geógrafo brasileño Milton Santos es el tema, la intención y la motivación del presente artículo. La opción de sugerir clases en forma de una secuencia didáctica, con el uso de la técnica de mapas conceptuales, seguidas de textos explicativos, así como de la respectiva indicación de fuentes bibliográficas específicas del autor,*

¹ Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor Associado no Departamento de Geografia da Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: leonardodirceuazambuja@gmail.com.

tiene como objetivo promover una apropiación integrada y no fragmentada de ese contenido. La presuposición es que el entendimiento del método puede estar en las conexiones o interacciones conceptuales con los fundamentos teóricos y metodológicos utilizados para la producción del análisis geográfico.

PALABRAS-CLAVE: *método de la Geografía; análisis geográfico; secuencia didáctica.*

INTRODUÇÃO

É difícil entender a Geografia proposta por Milton Santos devido ao fato de ser muito teórica; eu uso alguns de seus conceitos em minhas aulas, e percebo que é preciso verificar sua aplicabilidade na prática, ou seja, no como fazer; e quanto a parte da natureza como fica; o importante é saber lidar com as geotecnologias. Essas, dentre tantas outras, são algumas das afirmações presenciadas nos ambientes dos cursos de graduação em Geografia e ainda nos ambientes profissionais da docência e/ou dos geógrafos.

Estudar, entender, apropriar-se dos conceitos e ou dos fundamentos teóricos e metodológicos da ciência, neste caso, da Geografia, é condição para interação teoria-prática. Na Geografia, essas referências são, na atualidade, relacionadas com os fundamentos teóricos/filosóficos da fenomenologia, do marxismo ou da teoria geral dos sistemas, identificando vertentes ou correntes de pensamento geográfico, em que autores, pensadores geógrafos elaboram e sistematizam esses fundamentos conceituais. Diante disso, o presente artigo está focado em um desses pensadores, o brasileiro Milton Santos.

Estudar sobre o método “miltoniano” traz alguns questionamentos como: Por onde começar? Qual percurso seguir? A professora Maria Adélia de Souza gravou um vídeo sobre esse tema, em que expõe uma reflexão/ orientação nesse sentido (Como [...], 2021). O vídeo intitulado “Como estudar e ler a obra de Milton Santos” orienta quanto a estes questionamentos.

Aqui, vou apenas fazer algumas referências, além de sugerir o vídeo para que, a quem interessar, tenha uma apropriação mais completa acerca dessas orientações. Nele, a professora destaca conjuntos nas obras publicadas, como por exemplo, o que primeiro denomina como publicações fundamentais ou fundantes do pensamento e do método. Então, ela faz um adendo para algumas obras as quais define como teóricas, mas numa perspectiva temática. O segundo conjunto está incluso em partes no primeiro bloco, o qual carinhosamente denomina de “filhotes”, na medida em que são publicações elaboradas no percurso e que alimentam o eixo central de reflexão conceitual e de método.

Já o terceiro conjunto a autora chama de “empíria”, onde inclui obras também entendidas como temáticas, com interpretações socioespaciais e/ou de realidades

específicas. Por fim, ela cita ainda um quarto conjunto para dar destaque ao livro – O Centro da Cidade de Salvador, e a última publicação do autor – Brasil: território e sociedade no início do século XXI.

Dando continuidade às obras indicadas também como sugestão de uma série de leituras para o entendimento dos fundamentos da Geografia, e do significado de ser geógrafo, apresenta alguns destaques: “Metamorfose do Espaço Habitado”, para uma primeira leitura, adentrando aos conceitos e linguagens do autor; “Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico”, na qual a conceituação de espaço geográfico encaminha para a versão mais atualizada do método; ainda “Espaço e Método”, como referência no percurso teórico conceitual a ser estudado, com muita atenção e orientação para apreensão das categorias de análise.

Para a autora, essas publicações são parte da trajetória de estudo, pavimentam o caminho para ler e reler o livro que pode ser entendido como uma obra síntese, ou seja, um ponto de chegada: “A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção”; ainda, é preciso incluir neste primeiro conjunto as obras “Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal” e “Espaço do Cidadão”. São obras que trazem a atualidade e a ideia de futuro, acreditando e projetando um período democrático-popular para a humanidade. Por fim, evidentemente está neste conjunto a obra marcante dessa trajetória acadêmica e científica: “Por uma Geografia Nova: Da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica”.

Agregar nesse conjunto de obras aquelas definidas como temáticas é essencial e abrangente. Por esse motivo, destaco aqui duas delas, deixando as informações sobre as demais como algo a instigar a curiosidade intelectual, de modo a serem vistas no vídeo anteriormente indicado. Apresento, então, ainda segundo Maria Adélia de Souza: “O Espaço Dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos”; e “A Urbanização Brasileira”, justamente devido à provocação em ver no vídeo os demais comentários sobre o conjunto das empirias e dos “filhotes” (Como [...], 2024).

Elias (2003) também apresenta referências para estudar a Geografia de Milton Santos. Distingue as elaborações teóricas e filosóficas que fundamentam o método e as elaborações de natureza empírica, nas quais a autora apresenta interpretações socioespaciais do mundo existente nos lugares. Nesta segunda fase de publicações, ela desenvolve significativos estudos sobre a urbanização do mundo subdesenvolvido. Com isso, fica também a sugestão para o contato mais detalhado, com os caminhos identificados pela autora, através da leitura da fonte indicada. No artigo em questão, Denise Elias expõe, com muita propriedade, comentários que situam e orientam uma trajetória de estudos da obra intelectual, científica e humana de Milton Santos.

São escolhas ou orientações explicitadas por Maria Adélia de Souza e por Denise Elias, pensadoras da Geografia “miltoniana”, que já fizeram e ainda fazem esse caminho de estudo

e, por isso, precisam ser consideradas. As publicações do autor em questão evidenciam essa trajetória cumulativa de construção conceitual e teórica, daí a importância de um estudo organizado – não em uma sequência linear –, porém, talvez, em uma espiral dialética de elaboração e apropriação do pensamento.

Diante disso, a intencionalidade do presente artigo está em também sugerir/refletir sobre um percurso de estudo. No entanto, não para contrapor as citadas proposições, mas em apresentar um roteiro de aulas com base na técnica de mapas conceituais para o estudo focado nos conceitos e no método. Neste caso, seria algo mais específico, com indicações bibliográficas ainda mais detalhadas, o suficiente para iniciar e continuar a caminhada. Uma sequência didática marcando aulas para estudar e ensinar sobre esses fundamentos, e não um modelo pronto, mas, quem sabe, uma provocação para reflexão e reconstrução a respeito dos possíveis leitores, a partir do seu lugar de pensar e falar.

A ideia de sequência didática com o uso de mapas conceituais pode parecer um anúncio de uma limitação intelectual, ser uma espécie de passo a passo – o que seria incompatível com o propósito de estudar fundamentos teóricos e de método de uma disciplina científica como o que está sendo proposto aqui. Mas a sequência didática traz o entendimento de ser a forma como se organiza o processo de estudo. É o como vai acontecer a sequência das atividades e a organização do conteúdo, ou até mesmo o percurso de apropriação do conhecimento.

Por isso, procurarei manter a proposição na medida em que a intenção é explicitar uma, não a única e nem a definitiva possibilidade de apropriação do pensamento conceitual e metodológico de Milton Santos. Volto a afirmar que o objetivo é refletir e fazer o caminho, caminhando, e de modo a também chamar de aula/aulas, já que uma boa aula pode ser um ponto de partida, um momento do estudo, e de provocações, para estudar e apreender ainda mais.

O mapa conceitual é uma técnica de organização do pensamento ou de apresentação de um conteúdo. É um esquema ou um roteiro, “[...] uma estrutura esquemática para representar um conjunto de conceitos imersos numa rede de proposições” (Tavares, 2007, p. 72). Os tipos de mapas conceituais são variados, tais como hierárquicos, tipo sistema ou de fluxograma. Este último é o modelo que se aproxima ao utilizado neste texto, como recurso didático das sugeridas aulas.

A opção é a de elaborar aulas com o uso didático de vários mapas em sequência, de modo que sempre seja feita a conexão ou até mesmo repetindo alguns dos conceitos, com a inclusão de mais detalhamento, que possa contribuir para o entendimento desejado sobre o método da Geografia. Assim, neste artigo serão apresentados sete mapas conceituais, acompanhados de um texto explicativo, ou seja, uma fala organizadora das ideias.

Para completar as orientações serão apresentadas indicações de fontes específicas de estudo para essa apropriação ou aprendizagem desse conhecimento. Essas indicações serão restritas às publicações com autoria de Milton Santos, e não de outros autores que trabalham as ideias “miltonianas”.

A aula/mapa conceitual 1 será voltada a uma apresentação dos conceitos abrangentes, estruturadores da Geografia e ainda o que foi denominado como as categorias do método – estrutura, processo, função e forma. Já a aula/mapa conceitual 2 será sobre o conceito definidor do objeto da ciência geográfica, o espaço geográfico. A aula/mapa conceitual 3 será sobre o conceito de lugar entendido como o espaço-tempo do acontecer, do evento.

Já a aula/mapa conceitual 4 será com foco no espaço das redes definidas nas relações das horizontalidades e das verticalidades. A aula/mapa conceitual 5 vai tratar da globalização na relação com o lugar enquanto espaço globalizado. Com isso, esses cinco primeiros mapas situam o método geográfico.

A aula/mapa conceitual 6 terá a finalidade de apresentar a relação com os conceitos também especiais para a Geografia, os quais assumem significados singulares nesta perspectiva metodológica. São eles: paisagem, região/lugar e território, bem como as áreas temáticas, heranças da Geografia Clássica, que adjetivam a Geografia em especificidades socioespaciais. Este será também o foco da aula/mapa conceitual 7, na qual as perspectivas temáticas serão mais detalhadas.

Perante o exposto, apresento, então, os textos explicativos do conjunto das aulas ou sequências didáticas, bem como os respectivos mapas conceituais para a exposição do método com tais fundamentos teóricos.

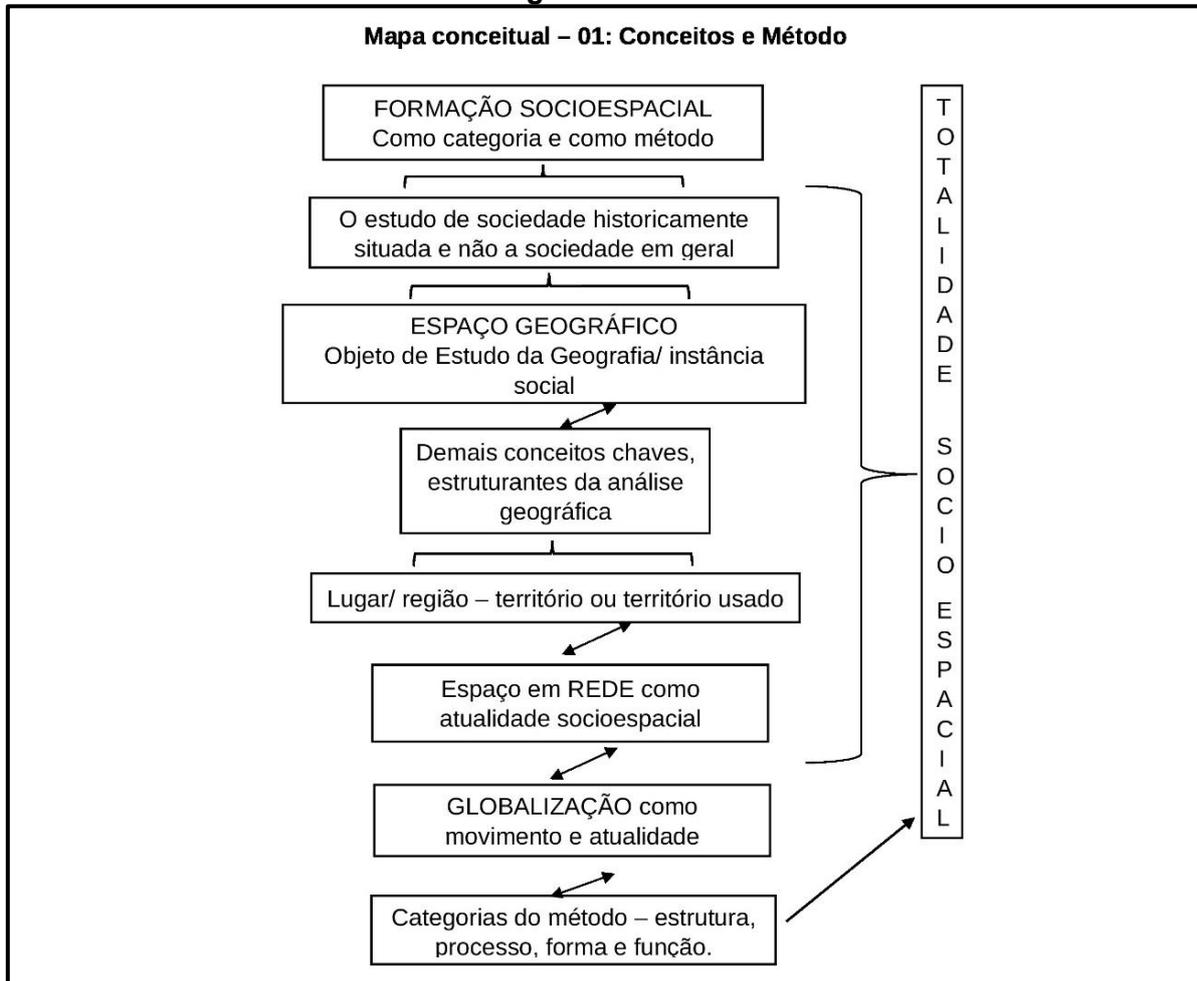
AULA 1: SOBRE OS CONCEITOS FUNDANTES E AS CATEGORIAS DO MÉTODO

Compreender a formação socioespacial como categoria e como método está na essência da Geografia. A formação indica processo, movimento pretérito e atualidade; socio significa a realidade de uma sociedade determinada e não de uma sociedade em geral; espacial indica a dimensão de sociedade e natureza formada e existente neste lugar e tempo, nessa dimensão sócio-histórica da realidade ou da totalidade socioespacial. Esse fundamento teórico e de método é que faz ou encaminha para o entendimento do espaço geográfico como uma instância social, na medida em que o espaço é entendido como integrante da estrutura ou da organização da sociedade.

A referência neste ponto, logo na primeira aula, objetiva destacar esse fundamento. No entanto, para o estudo e/ou aprofundamento sobre formação socioespacial são necessárias aulas específicas que não serão apresentadas neste texto, visto que não será didático iniciar por esse caminho, mas é essencial saber que ele existe e, em algum momento, precisará

acontecer. Então, por essa razão, propõe-se o início do estudo pelo espaço geográfico (Figura 1).

Figura 1 – Aula 1



Fonte: O próprio autor.

O espaço geográfico é compreendido como conjunto indissociável e contraditório de sistemas de objetos e de sistemas de ações (Santos, 1994). Mais que um conceito é uma referência para o objeto e método da Geografia. Por isso, está em destaque neste primeiro mapa conceitual sobre os conceitos gerais, estruturantes da análise geográfica, uma instância, assim como são as dimensões econômica, cultural e política.

O conceito lugar é também basilar, pois a Geografia tem essa dimensão, já que um estudo geográfico está sempre identificado com um “chão”, um lugar, um território, uma região. Mas o entendimento de lugar enquanto oportunidade do evento é que será detalhado no mapa conceitual específico. O lugar é onde tudo acontece e assume a historicidade do uso do território ou do território usado. Os lugares/regiões apresentam relações ou organização interna e externa, são as horizontalidades e as verticalidades. Por isso, o espaço em rede é uma referência para completar a análise geográfica situando o local/global.

A globalização é uma face da atualidade socioespacial ou dessas relações internas/externas internalizadas, realizadas no lugar. Desse modo, a globalização existe, torna-se real nos lugares, ao passo que esses lugares são globalizados na atualidade do meio técnico-científico-informacional. A totalidade socioespacial é o resultado, a produção intelectual, a síntese, a interpretação geográfica da realidade, ou seja, da realidade existente no lugar enquanto concretização das relações internas e externas. A análise geográfica, então, é o caminho da abstração ou da elaboração dessa dimensão de totalidade, de superação da aparência para desvendar a essência, da descoberta da “concreticidade ou totalidade concreta” tal como definida por Kosik (1976).

Essa leitura geográfica envolve um raciocínio abrangente, uma interpretação conjunta das denominadas aqui como categorias do método (Santos, 1985). Estrutura significando o olhar amplo para o todo da sociedade e da natureza; o processo indicando a necessidade de buscar a formação ou a dimensão histórica do espaço geográfico; a forma ou as conexões das formas naturais e sociais presentes nos lugares, ou seja, o sistema de objetos; e a função ou o sistema de ações que faz o movimento da atualidade dos lugares.

A seguir, seguem as indicações de fontes de estudo sobre formação socioespacial e sobre as categorias do método. A respeito das indicações sobre espaço geográfico, lugar, redes e globalização, estas estarão junto às aulas e mapas conceituais específicos. Para o estudo sobre formação socioespacial, segue a indicação de referência conforme Mamigonian (1996, p. 198):

O mais importante texto teórico de Milton Santos é, segundo meu ponto de vista, *Sociedade e Espaço – a Formação Social como Teoria e como Método*, publicado em 1977 no *Boletim Paulista de Geografia* nº 54, em *Antípode* nº 1 do mesmo ano e em outras revistas da França e da América Latina.

Mas o referido texto está também publicado em: Santos (1979c, 2008). Sobre o espaço geográfico, ver Santos (1988). Este texto é uma primeira leitura de conceitos que integram a linguagem geográfica.

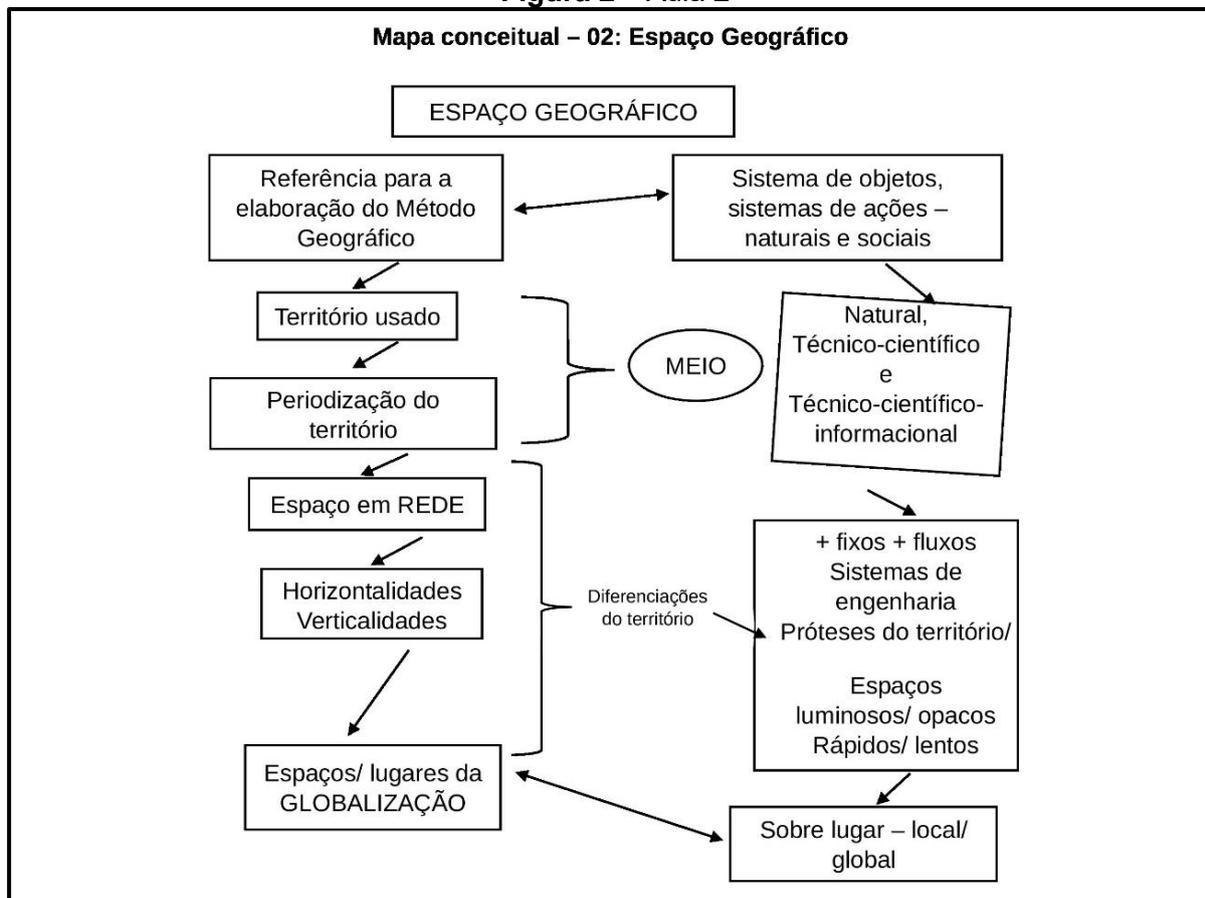
O texto *Sistemas de objetos, sistema de ações* (Santos, 1994) traz a seção III que aborda sobre o espaço – sistema de objetos, sistema de ações; objetos e ações – dinâmica espacial e dinâmica social; os grandes objetos – sistemas de ações e dinâmica espacial. É importante destacar que essa publicação é ampla, na medida em que antecipa reflexões que serão foco quando do estudo do lugar, região, rede e globalização.

Sobre as categorias do método e sobre a questão da totalidade socioespacial, sugiro uma referência: Santos (1985). Além desse, o capítulo *Espaço total de nossos dias* (Santos, 1978). Por fim, não menos importante, sugiro *O espaço e a noção de totalidade* (Santos, 1997).

AULA 2: SOBRE O ESPAÇO GEOGRÁFICO COMO CONCEITO ARTICULADOR DO OBJETO E MÉTODO DA GEOGRAFIA

A definição de espaço geográfico como conjunto indissociável e contraditório de sistemas de objetos e sistemas e ações, naturais e sociais (Santos, 1994) está na base ou faz referência do método, e encaminha para a proposição de periodização do meio e para o entendimento de território usado (Figura 2).

Figura 2 – Aula 2



Fonte: O próprio autor.

O meio antes natural no seu processo de formação, de ocupação e de humanização vai incluindo ou incorporando técnica, ciência e informação. Aqui, a palavra meio é o espaço geográfico e também o território sendo usado, ou seja, sendo sociedade, ou ainda – se quisermos – sendo segunda natureza. O território usado contém a ideia de movimento e atualidade.

Periodizar é fazer uma leitura no tempo-espaço das transformações socioespaciais. Mas esse processo de uso do território não acontece de forma igual nos lugares. Assim,

produzem diferenciações territoriais definidas pela intensidade localizada dessas transformações – mais fixos, mais fluxos fazendo acontecer espaços lentos e rápidos, opacos e luminosos. E são essas diferenciações que estão na essência da constituição dos espaços em rede, ou seja, das relações externas e internalizadas nos lugares, das horizontalidades e verticalidades, as quais fazem a atualidade da globalização ou dos espaços globalizados.

Nas indicações de fontes de estudo consta a seção III, do livro Santos (1994), *Técnica, espaço, tempo*, que já foi indicada na Aula 1. E, enquanto um livro fundante para refletir sobre espaço geográfico cabe sugerir Santos (2007).

E, como uma síntese mais atual e oportuna, sugiro a leitura dos capítulos 2 – *O Espaço: sistemas de objetos, sistemas de ações*, e do capítulo 3 – *O espaço geográfico: um híbrido* do livro: Santos (1997). Neste último texto, é possível encontrar uma relação com o conceito de paisagem. Ainda nesta mesma publicação considero válido sugerir o capítulo *Do Meio natural ao Meio Técnico-Científico-Informacional*, o qual é uma leitura voltada ao entendimento da periodização socioespacial. Porém, sobre espaço em rede e sobre globalização é recomendado ver as indicações nas aulas 4 e 5.

AULA 3: SOBRE O LUGAR DO ACONTECER SOLIDÁRIO E DA OPORTUNIDADE DO EVENTO, SOBRE A FORÇA DO LUGAR E DOS DO LUGAR

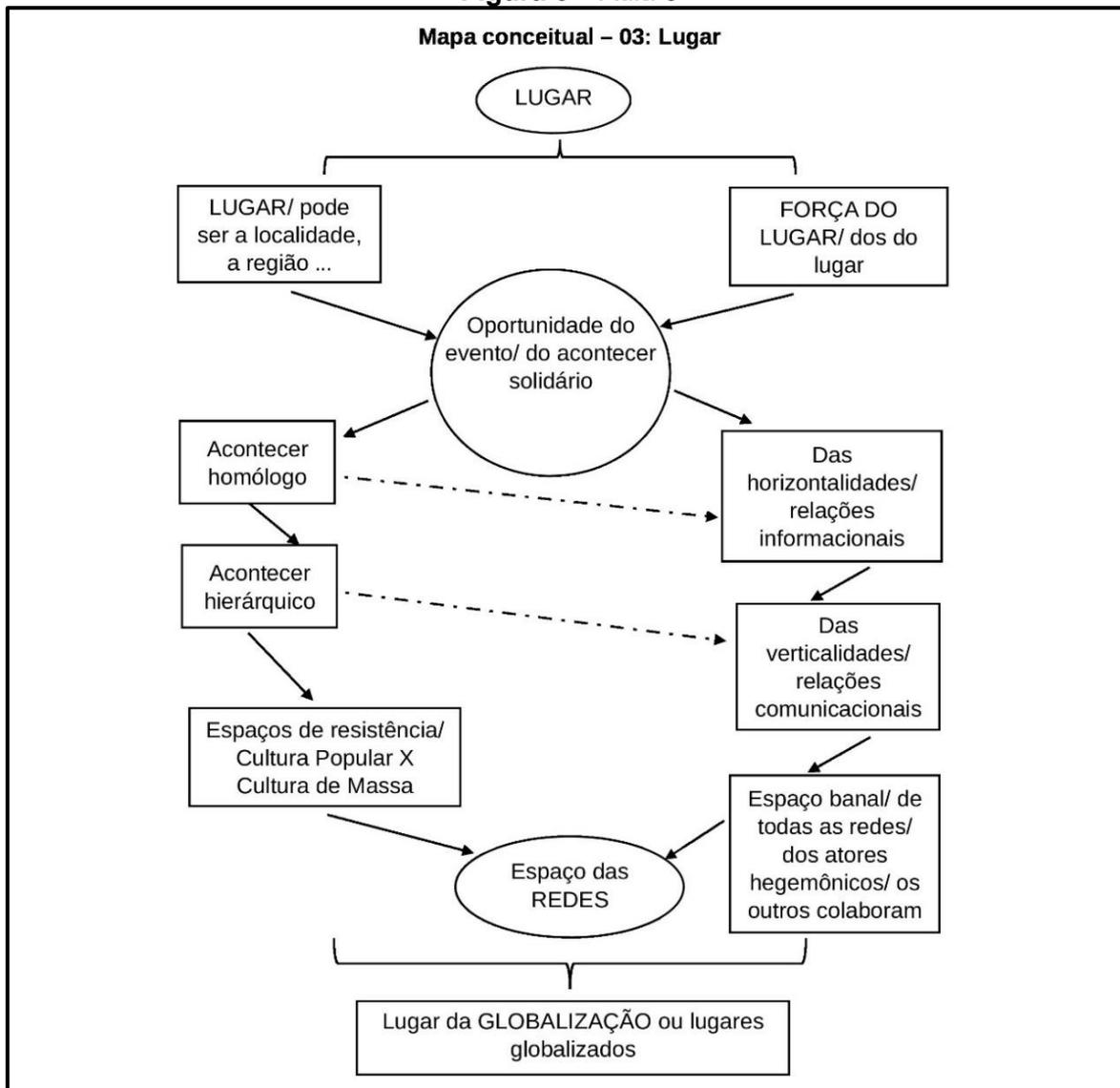
Entender o lugar como a oportunidade do evento ou como o lugar do acontecer solidário está na essência do método. A escala geográfica do lugar é uma definição metodológica, que pode ser a localidade, a região ou o Estado-Nação (Figura 3).

Acontecer é homólogo das horizontalidades ou das relações informacionais, ou seja, que acontecem no espaço interno dos lugares. Acontecer é hierárquico das verticalidades ou das relações comunicacionais, externas, vem e vai de, ou para fora do lugar. É esse movimento que faz o tempo presente, a unidade forma-função.

Essas definições estão diretamente relacionadas com os espaços em rede e com a dimensão da globalização dos lugares. O espaço geográfico é a sociedade, uma instância da sociedade, um espaço de lutas sociais, das contradições e das relações sociais. Daí a força do lugar ou dos do lugar (Gonçalves, 2002), da resistência, da cultura popular X a cultura de massa.

O novo vem de fora, mas sem compromisso com o meio social ambiente. A resistência está nas relações comunicacionais entre os sujeitos sociais-históricos que vivem e moram no lugar, os do lugar. Essa é a dimensão socioespacial da luta social ou da luta de classe. Esses entendimentos trazem para a reflexão o conceito de espaço banal, de todas as redes, mas que são utilizadas com mais intensidade pelos atores hegemônicos, e os outros colaboram. Com esse percurso vem a leitura do lugar globalizado ou do que é entendido por globalização.

Figura 3 – Aula 3



Fonte: O próprio autor.

Nas indicações de fontes de estudo do livro *Da totalidade ao lugar* (Santos, 2008), citado a seguir, consta uma sequência de capítulos que são referências também para a Aula 5, sobre globalização. Portanto, farei as respectivas indicações agora aqui e, depois, lá. A começar pelo capítulo *O retorno do território*. Neste texto, há uma continuidade da reflexão sobre o território usado, e já articula com as definições relacionadas com o lugar. No capítulo *O lugar: encontrando o futuro* as reflexões sobre este conceito são ainda mais detalhadas, fazendo a relação com redes e globalização.

Para fechar, porém sem concluir, o percurso sobre o conceito de lugar pode ser o momento da leitura da 4ª parte do livro Santos (1997), onde constam os capítulos 14 – *O lugar e o cotidiano*, e o capítulo 15 – *Ordem universal, ordem local: resumo e conclusão*.

AULA 4: SOBRE O ESPAÇO DAS REDES, DAS HORIZONTALIDADES E DAS VERTICALIDADES

As horizontalidades e verticalidades são interpretações que atualizam a leitura do lugar e do espaço geográfico. O lugar do acontecer solidário, homólogo e hierárquico contém essa explicação do movimento e atualidade do espaço geográfico (Figura 4).

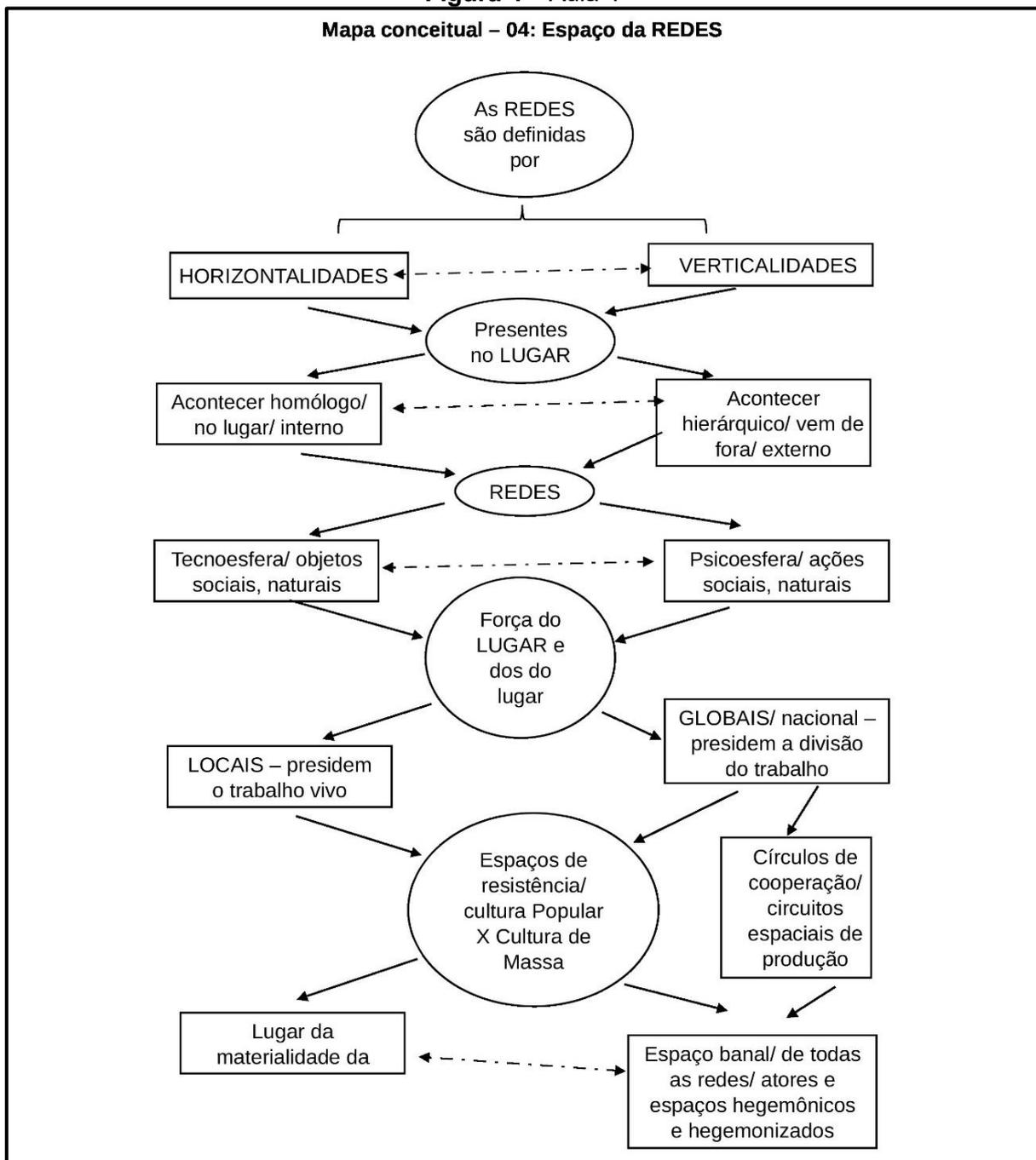
Os mecanismos de tecnoesfera indicam a materialidade do meio social ambiente marcada pela intensidade, maior ou menor, dos sistemas de objetos, e do correspondente e integrado meio social ambiente denominado psicoesfera, o sistema de ações, os quais são mecanismos presentes nessa identificação e interpretação do espaço em rede.

As redes, quando materializadas no local, presidem o trabalho vivo. Ali, no lugar, estão as pessoas que fazem acontecer as ações no presente. É o conjunto forma-função ou da função que é sempre o tempo presente, atual. Mas o espaço em rede materializa as verticalidades, as relações externas extrarregionais, internacionais, as quais presidem as diferenciações espaciais, a divisão social e territorial do trabalho.

A divisão territorial do trabalho é a expressão das especializações ou das diferenciações espaciais, temporais e sociais. O movimento no território comandado por fluxos de mercadorias, pessoas, informações e ordens definem circuitos espaciais de produção, em espaços próximo contínuos ou distantes, ou espaços não contínuos, pontos. São círculos de cooperação que articulam toda a cadeia produtiva, incluindo processos de produção, circulação, distribuição e consumo dos resultados do trabalho humano, unificando, em uma mesma totalidade socioespacial, também o espaço agrário e o espaço urbano.

Mas o espaço em redes está no lugar reproduzindo ou tornando real a luta social, a força do lugar e dos do lugar, dos atores e espaços hegemônicos e hegemonzados, da cultura popular X a cultura de massa. O tema desta aula pode ser entendido como uma sistematização dos conceitos trabalhados nas aulas anteriores. O espaço geográfico é cada vez mais um espaço em rede. No capítulo 11, *Por uma Geografia das Redes* (Santos, 1997) consta este conteúdo.

Figura 4 – Aula 4



Fonte: O próprio autor.

AULA 5: SOBRE A GLOBALIZAÇÃO DOS LUGARES OU DOS LUGARES COMO ESPAÇOS GLOBALIZADOS

A globalização apresenta-se como expressão atualizada do meio técnico-científico-informacional ou do espaço geográfico. O sistema mundo ou o mundo como sistema significando o comando dessa unicidade técnica; a convergência dos momentos como indicações ou materialidade dos lugares enquanto oportunidade do evento, onde a

globalização ganha existência; e, uma unidade motora de estandardização da produção e do consumo, além de uma mais valia global, significando a reprodução ampliada e hegemônica do capital, sob a atuação de atores hegemônicos (Figura 5).

Então, a globalização caracteriza-se como relações que somente existem pela materialidade dos lugares, marcadas no conjunto das horizontalidades e verticalidades. Mas é no lugar que se faz realidade, ali onde as pessoas vivem. Os lugares são espaços, regiões ou espaços nacionais globalizados.

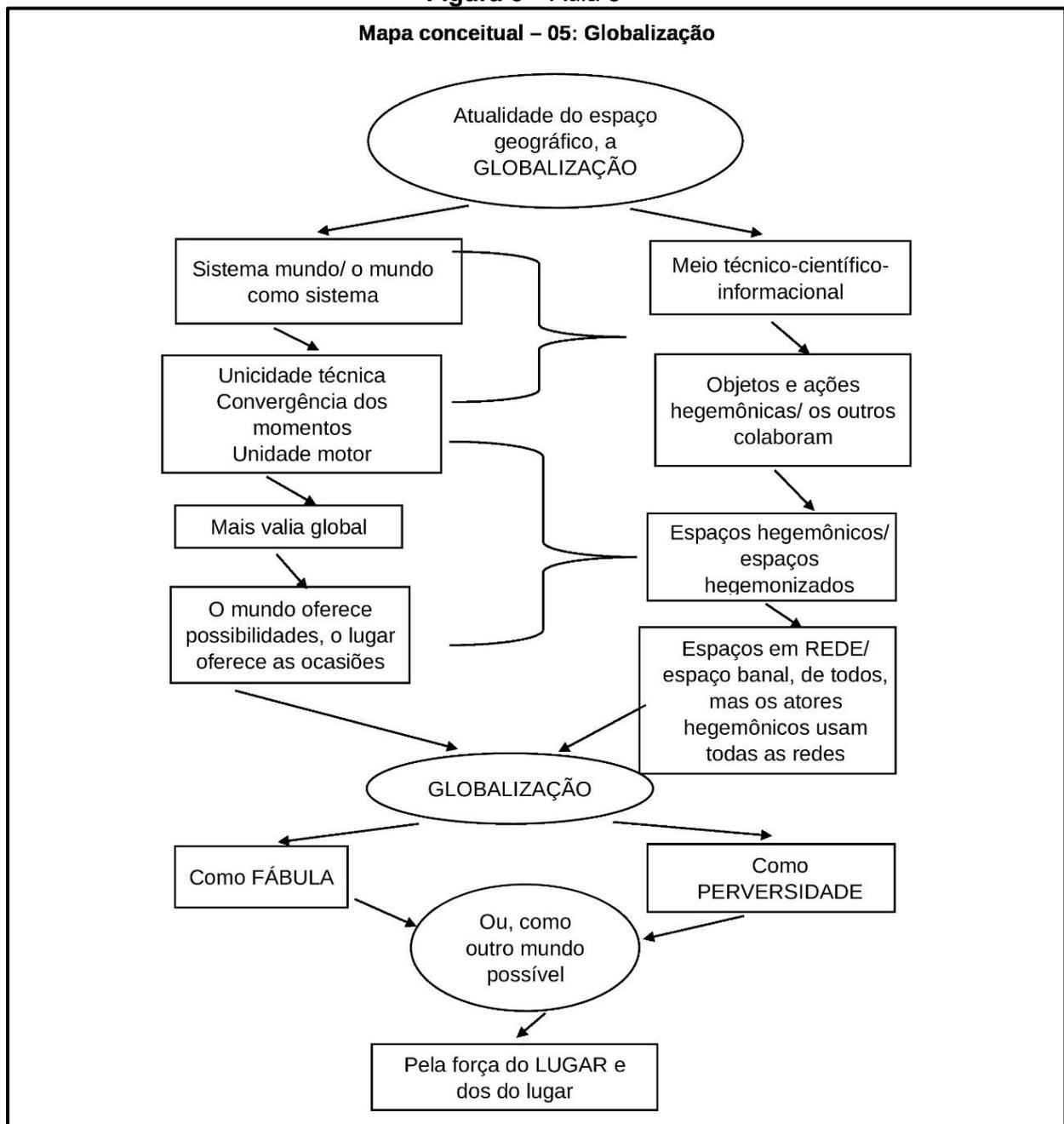
O meio técnico-científico-informacional é essa face ou fase socioespacial comandada por atores, objeto e ações hegemônicas, definindo espaços ou lugares hegemônicos e homogêneos, podendo essas diversidades serem presença também em um mesmo lugar. Daí as diferenciações socioespaciais e os espaços em rede identificarem a globalização em diferentes perspectivas de sociedade.

Primeiro como fábula, ou o mundo como nos fazem ver e acreditar que é assim; ou o mundo como perversidade, evidenciando as mazelas resultantes do comando e ações de atores hegemônicos; e, finalmente demonstra o entendimento histórico de que a sociedade nunca está pré-definida ao afirmar que a globalização como outro mundo possível permanentemente construído pela força do lugar ou dos do lugar.

Já na década de 1970, Milton Santos (1979a) antecipava esse debate sobre globalização, dentre outros meios, pela publicação do artigo *Do espaço sem nação ao espaço transnacionalizado*. Mas é com o livro *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal* (Santos, 2000) que o tema assume uma dimensão mais ampla nas suas análises.

Os textos a seguir completam um possível roteiro de estudos sobre essa temática. A começar por Santos (2008) *Os espaços da globalização*, e, neste mesmo livro, o texto *Razão Global, Razão Local. Os espaços da racionalidade*.

Figura 5 – Aula 5



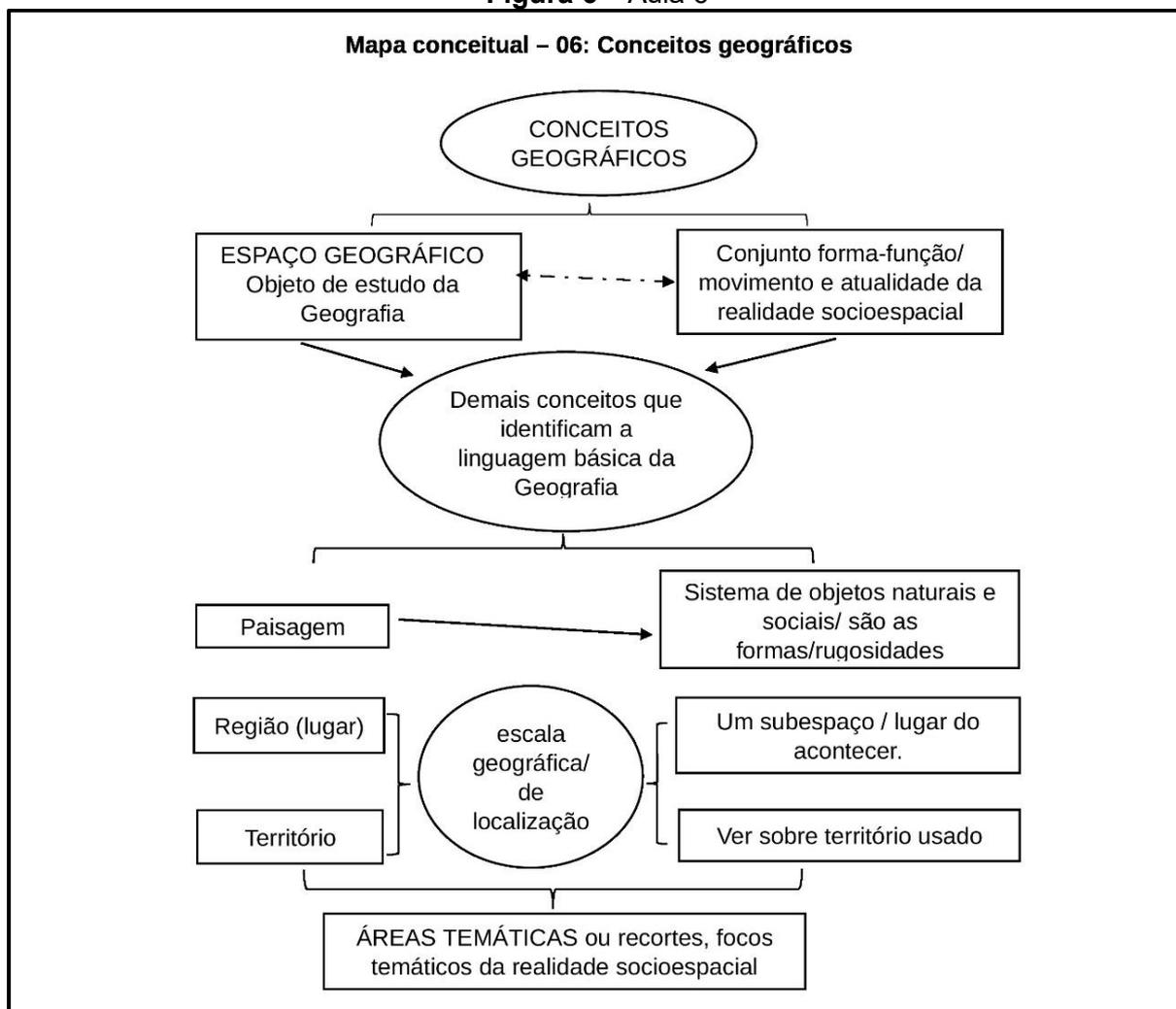
Fonte: O próprio autor.

AULA 6: SOBRE OS CONCEITOS QUE INTEGRAM A LINGUAGEM GEOGRÁFICA – PAISAGEM, REGIÃO, TERRITÓRIO

A Geografia é uma ciência social e, por isso, estuda a sociedade. Ao afirmar o espaço geográfico como o objeto de estudo inclui o entendimento de que “[...] a História não se escreve fora do espaço e não há sociedade a-espacial. O espaço, ele mesmo, é social” (Santos, 1979c, p. 10). Aqui, o autor define a dimensão socioespacial como objeto de estudo. O conjunto indissociável e contraditório de sistemas de objetos e sistemas de ações estão em

um lugar, são sociedades determinadas (não sociedade em geral), são formações socioespaciais, incluem ou integram forma e função (Figura 6).

Figura 6 – Aula 6



Fonte: O próprio autor.

Entender espaço geográfico com essa dimensão de historicidade, uma instância da sociedade, indica para o entendimento complementar dos demais conceitos ou (sub)conceitos que marcam essa área do conhecimento: paisagem, região e território. Nesse sentido, a paisagem são os sistemas de objetos naturais e sociais, são as formas. É também resultado da acumulação de tempo, rugosidades. Ela é tempo passado, trabalho morto, materialidades de modos de produção não mais presentes como atualidade predominante. A forma está ali, mas não comanda. O conjunto forma-função é que atualiza, anima as formas, faz função ou o acontecer no lugar, materializa a relação trabalho morto, trabalho vivo, faz o Todo do espaço geográfico.

Já a região é o lugar do acontecer. Para o método em pauta, a região se define como um recorte socioespacial, uma escala geográfica de localização e de interpretação. Não mais

uma definição estável, localizada e permanente, e sim definida pela dinâmica presente da (re)construção socioespacial.

O território é um conceito que inclui a dimensão política do espaço e poder. Sem deixar de refletir essa dimensão, aqui interessa o entendimento de território usado, ou seja, o uso definido pela incorporação de objetos e ações, de sistemas de engenharias, próteses do território, e de relações socioespaciais ou da sociedade daí decorrentes. E isso inclui a dimensão política ou do uso também político do território.

Para leituras sobre esses conceitos, seguem algumas indicações. Santos (1988), *Metamorphose do espaço habitado*. Este livro será leitura recorrente para o estudo desses conceitos incluindo paisagem, região e território. Aqui seria uma leitura primeira a ser acumulada na sequência de outras dentre as já referidas em aulas anteriores. Para incluir nas reflexões sobre território usado é oportuno o texto: *O dinheiro e o território*, Santos (2006, 2008), além do texto *O retorno do território*, já indicado na aula 3. Sobre como as Áreas Temáticas da Geografia se incluem no método ou na análise geográfica, será o objeto da próxima e última aula dessa proposta de sequência didática.

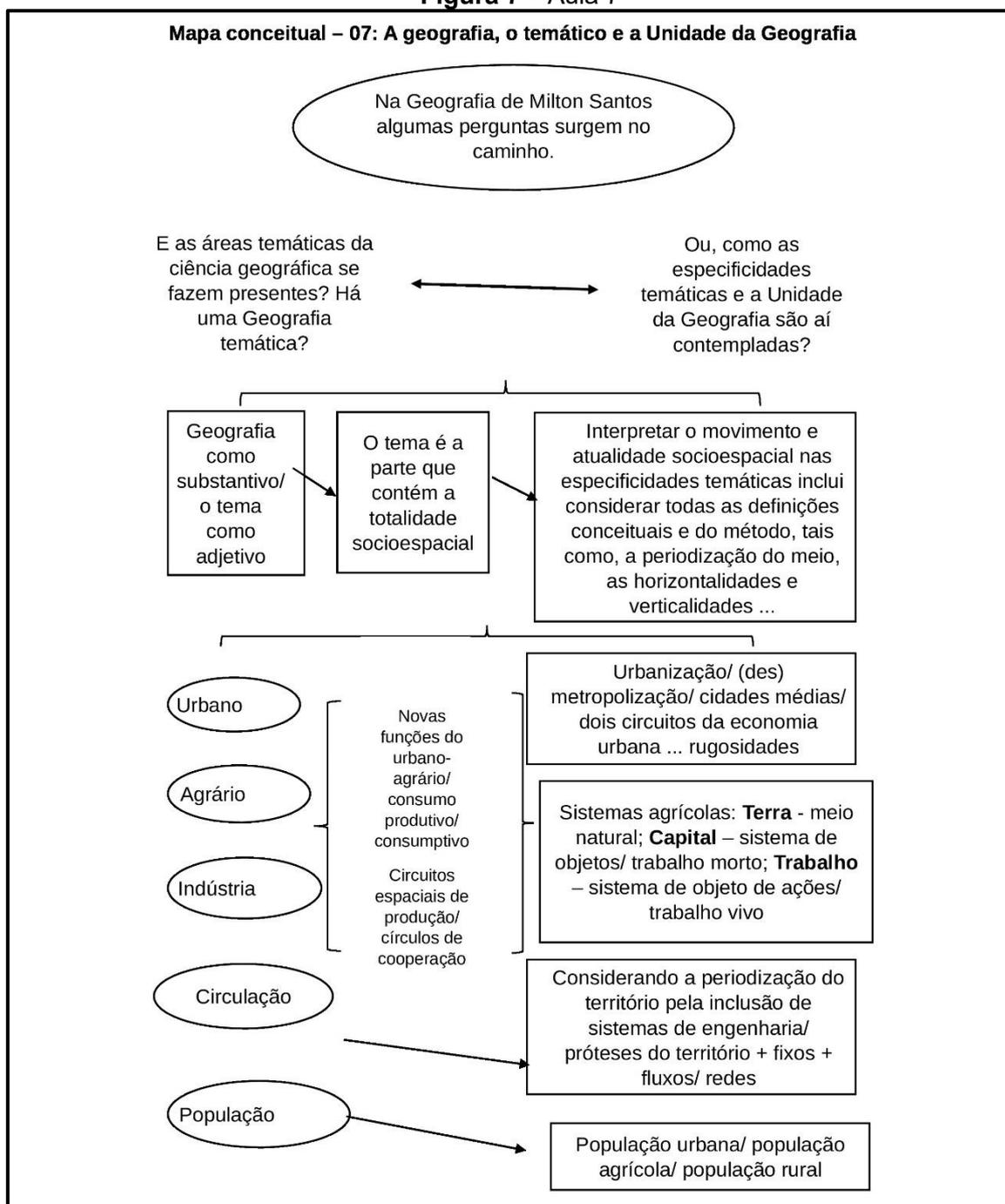
AULA 7: ENCAMINHAMENTO DA REFLEXÃO SOBRE AS ÁREAS TEMÁTICAS DA GEOGRAFIA NA PERSPECTIVA DO MÉTODO “MILTONIANO”

Herança da Geografia Clássica, as áreas temáticas adjetivam a Geografia como Urbana, Agrária, Industrial, da Circulação e da População. Geografia é o substantivo indicando a unidade do pensamento geográfico. Não são, portanto, geografias, e sim, a Geografia com adjetivos marcando especificidades de estudo (Figura 7).

Se na literatura “miltoniana” não é explicitado desse modo, o autor em questão assume ou subentende-se em seus escritos as temáticas urbana, da circulação, da produção agrária e industrial e de interpretação do movimento e atualidade demográfica. Cabe então perguntar: Há uma Geografia Temática? Ou, como o temático e a unidade da Geografia são aí contemplados?

Essas áreas ou focos temáticos serão então analisadas, considerando a periodização do meio natural, meio técnico-científico e meio técnico-científico-informacional. Também nas relações internas e externas das horizontalidades e verticalidades e no processo de formação, das formas e das funções. Os focos temáticos são também recortes, realidades específicas que estão nos lugares apropriados pelo pensamento ou olhar geográfico. O tema é parte que contém o todo ou a totalidade socioespacial.

Figura 7 – Aula 7



Fonte: o próprio autor.

A temática ou a adjetivação de urbana assume uma centralidade. A sociedade é cada vez mais urbano-industrial. O campo ou o agrário cada vez mais assume formas industriais-urbanas (ou capitalistas) de produção, distribuição, circulação e consumo.

A cidade comanda ou é o *locus* da regulação do que se faz no agrário. Há espaços urbanos e espaços agrícolas e/ou espaço agrícola que se completa no urbano, marcando consumos produtivos e consumptivos. A indústria e/ou a agroindústria estão incluídas nesses círculos de cooperação e/ou circuitos espaciais de produção.

No espaço agrário há também “*belts*”, unidades produtivas e de consumo de ciência, tecnologias e informações articuladas a partir do urbano. Cada vez mais há a presença de trabalho morto em relação ao trabalho vivo, mudando a composição orgânica do capital e ampliando, nesse sentido, o comando dos atores hegemônicos representados nos capitais industrial e financeiro internacionalizados, isso considerando o lado perverso da globalização. Também pode ser a agroecologia fazendo o contraponto em outras formas-conteúdos de agricultura. Daí o novo entendimento ou materialidade da metrópole ou da metropolização, das novas relações cidade-agrário presentes nas cidades médias e cidades locais, alterando ou recriando formas da divisão social e territorial do trabalho.

A indústria e a industrialização são também objeto dessa mesma dinâmica de organização produtiva do território, o que inclui o urbano e o agrário, a localização e a descentralização industrial.

A população é urbana, mas pode ser agrícola morando na cidade ou agrária morando no rural. A população está presente em todas as temáticas e lugares e, para além ou na relação com os elementos do método geográfico, inclui as interpretações elaboradas com base nos conceitos clássicos da demografia: crescimento, migrações, estrutura de gênero, étnica e etária. A análise geográfica pode e deve dialogar com a demografia.

Nas fontes de estudo sobre o urbano, a indicação primeira é o livro: Santos (1993), *A urbanização brasileira*. Como um texto que sintetiza a atualidade da análise do urbano e da urbanização pode ser indicado: Santos (2008), *Meio técnico-científico e urbanização: tendências e perspectivas*. Nesta mesma publicação há ainda textos específicos que tratam sobre o tema, mas é oportuno destacar o capítulo sexto da segunda parte: *Os dois circuitos da economia urbana e suas implicações espaciais*. Ainda como um aprofundamento dos estudos é necessário lembrar da obra Santos (1979b), *O Espaço Dividido: Os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos*.

Sobre as demais áreas temáticas não há indicações específicas de autoria de Milton Santos, mas podem ser encontradas publicações de outros autores em estudos fundamentados no método “miltonianos”. Como o propósito deste artigo é não abrir este espectro, apenas afirmarei que no livro Santos e Silveira (2001) podem ser efetivadas algumas das inferências para caminhar nas reflexões e provocações alimentadoras deste percurso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sequência de aulas aqui sugerida objetiva propor, refletir e instigar uma possibilidade de percurso de estudo sobre os conceitos e método da Geografia “miltoniana”. A opção pelo

uso de mapas conceituais e a indicação de algumas das fontes bibliográficas, específicas do autor, enquanto recursos didáticos, explicita a intenção de delimitar ou ter esse foco. Outros pensadores certamente terão contribuições nessas reflexões, porém essa não é a abrangência do presente artigo.

A expectativa de resultados está mais em uma provocação inicial do que em uma proposição pronta de percurso de estudo. Talvez seja demonstrar a necessidade de buscar a compreensão não fragmentada dos conceitos e do método, de que não é suficiente citar um dos conceitos isoladamente, sem fazer as necessárias conexões para atender ao raciocínio integrado da análise geográfica.

A apropriação e uso, sem dogmatismos, dessa perspectiva teórica e metodológica é condição presente a ser praticada na Geografia e áreas afins, bem como na pesquisa e na atuação profissional de geógrafos e de docentes dessa disciplina no Ensino Superior e na Educação Básica.

REFERÊNCIAS

- COMO estudar e ler a obra de Milton Santos. São Paulo: Maria Adélia de Souza, 2021. 1 vídeo (20 min). Publicado pelo canal i- territorial. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FIG5gYglVAo>. Acesso em: 26 jan. 2024.
- ELIAS, Denise. Milton Santos: a construção da geografia cidadã. **Geosul**, Florianópolis, v. 18, n. 35, p. 131-148, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/13606/12472>. Acesso em: 26 jan. 2024.
- GONÇALVES, Carlos Walter Porto. Milton Santos: ciência, ética e responsabilidade social. *In*: SANTOS, Milton. **O país distorcido**: Brasil, a globalização e a cidadania. São Paulo: Publifolha, 2002. p. 171-185.
- KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- MAMIGONIAN, Armen. A geografia e a formação social como teoria e como método. *In*: SOUZA, Maria Adélia Aparecida de (org.). **O mundo do cidadão um cidadão do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 198-206.
- SANTOS, Milton. O espaço total de nossos dias. *In*: SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova**: da crítica da geografia a uma geografia crítica. São Paulo: Hucitec, 1978. p. 161-177.
- SANTOS, Milton. Do espaço sem nação ao espaço transnacionalizado. *In*: RATTNER, Henrique (org.). **Brasil 1990**: caminhos alternativos do desenvolvimento. São Paulo: Brasiliense, 1979a. p. 143-159.
- SANTOS, Milton. **O espaço dividido**: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979b.
- SANTOS, Milton. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método. *In*: SANTOS, Milton. **Espaço e sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1979c. p. 9-27.
- SANTOS, Milton. Estrutura, processo, função e forma como categoria e como método. *In*: SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985. p. 49-59.
- SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel, 1987.
- SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo**: globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Hucitec, 1994.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1997.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, Milton. O dinheiro e o território. *In*: SANTOS, Milton; BECKER, Berta K.; SILVA, Carlos Alberto Franco; GONÇALVES, Carlos Walter Porto; LIMONAD, Ester; ALMEIDA, Flávio Gomes; LIMA, Ivaldo; SILVA, Jaílson de Souza; BARBOSA, Jorge Luiz; FERNANDES, Nelson da Nóbrega; ERTHAL, Rui; CUNHA, Sandra Baptista; MIZUBUTI, Satie. **Território, territórios**: ensaios sobre o ordenamento territorial. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 13-21.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Edusp, 2007.

SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Edusp, 2008.

TAVARES, Romero. Construindo mapas conceituais. **Ciência & Cognição**, Rio de Janeiro, v. 12, p. 72-85, 2007. Disponível em: <http://cienciasecognicao.tempsite.ws/revista/index.php/cec/article/view/641/423>. Acesso em: 26 jan. 2024.

Recebido: dezembro de 2023.

Aceito: fevereiro de 2024.